

## **Finitude e perenidade: a imagem da morte na lírica de Adélia Maria Woellner**

Prof. Ms. Clarice Braatz Schmidt Neukirchen<sup>1</sup> (UNIOESTE)

### **Resumo:**

*Pretende-se, com este trabalho, observar como se desenvolve a temática da morte na lírica da paranaense Adélia Maria Woellner. Em O arco e a lira Octavio Paz observa que a morte é algo inseparável do homem. Para este teórico, “o viver consiste em termos sido jogados para o morrer, mas esse morrer só se cumpre no e pelo viver” (1982, p. 182). A poesia, neste âmbito, surge como o espaço privilegiado onde os assuntos que atemorizam a humanidade, como a morte, são eufemizados. Nos poemas de Woellner, mitos, imagens e símbolos relacionados à morte, geralmente, confluem para a instauração de um espaço de transcendência. Os poemas de Woellner congregam muitas imagens que apontam para a existência de um tempo cíclico em que a morte apresenta-se apenas como uma passagem, que possibilita o retorno às origens, apresentando-se a vida como um eterno recomeçar.*

**Palavras-chave:** poesia, morte, símbolo, imaginação, Adélia Maria Woellner

“A poesia nos abre a possibilidade de ser que todo nascer contém; recria o homem e o faz assumir sua verdadeira condição, que não é a separação vida ou morte, mas uma totalidade: vida e morte num só instante de incandescência” (PAZ, 1982, p. 190).

### **Introdução**

A temática da morte é uma das temáticas que tem perdurado na criação poética de todos os tempos. Pode-se dizer que isso se justifica pelo fato de, até hoje, por mais desenvolvida que esteja a humanidade, o ser humano ainda não ter sido capacitado a lidar com os mistérios que envolvem a finitude da vida. Nesse contexto, as imagens, mitos e símbolos apresentam-se como um instrumento eficaz quando o assunto em pauta é a morte.

As imagens e símbolos, conforme observa Ana Maria Lisboa de Mello, “traduzem as relações do homem com o plano transcendente, os mistérios da vida e da morte, a busca de contato e o desvelamento de verdades metafísicas que fundamentam o existir” (2002, p. 10). Para Mello, a imagem torna-se simbólica a partir do momento em que se constitui como a representação de uma realidade que não se encontra presente ou que seja de difícil comunicação. É o que ocorre com a imagem da morte. Sua presença constante na literatura, em grande parte, pela dificuldade que tem o ser humano de se relacionar com essas incompreensíveis “verdades metafísicas”.

A morte pode ser classificada como um daqueles temas que exigem que o homem relacione-se com aquilo que se encontra para além da concretude das coisas, para além do tempo cronológico com que estamos acostumados a lidar. Para trabalhar com a morte o homem ampara-se numa idéia diferenciada de tempo, buscando, de certa forma, neutralizar o percurso do tempo meramente humano, ou seja, interrompendo o tempo profano e projetando “o homem no tempo mítico, sagrado, momento em que a história fica suspensa” (2002, p. 52). A própria divisão do tempo em meses e anos demarca uma potencialidade de recomeço, balizados pelos ritmos biocósmicos, distinguindo-se, sempre, períodos de morte, purificação, regenerescência, e renascimento. Para Mello, “a representação do tempo é essencialmente rítmica e o calendário não tem por função medir o tempo, mas

ritmá-lo” (2002, p. 52). Mello também observa que “os mitos cosmogônicos e cíclicos (calendários) traduzem a tendência humana de tentar fixar o passado e dominar o futuro” (2002, p. 78).

Para Octavio Paz, “como a religião, a poesia parte da situação humana original – o estarmos aí, o nos sabermos atirados nesse aí que é o mundo hostil ou indiferente – e do fato que a torna precária: sua temporalidade, sua finitude” (1982, p. 179). Ou seja, a poesia partilha da “missão” que cumpre a religião de ensinar ao homem a se relacionar com o fato de sermos mortais. Assim, “nossa condição exige ser transcendida e vivemos nos transcendendo. O ato poético mostra que o fato de sermos mortais não passa de uma das faces de nossa condição. A outra é: sermos vivos” (1982, p. 188).

Para Mello, “na escrita literária, o imaginário é o lugar de reconciliação entre angústia e desejo, carência e seu preenchimento, sentimento de finitude e possibilidade de regeneração, medo da ameaça externa e recolhimento apaziguador” (2002, p. 21). Nos poemas de Woellner, é possível observar o intento de instaurar, por meio do imaginário, espaços apaziguadores, onde a efemeridade do ser humano possa ser superada.

Mello observa que “porque se dirige à essência das coisas e desperta no homem o sentimento de unidade com o universo, o mito é a palavra que dá sentido ao existir e, assim, aproxima-se do sagrado” (2002, p. 31-2). Nota-se que, na lírica woellneriana, a recorrência a mitos e imagens ocorre neste sentido apontado por Mello, isto é, conduzindo à espiritualização, buscando transcender os limites do plano material. É a orientação funcional do mito, – condensada sobre os problemas de ordem metafísica que perturbam o homem, como a formação do cosmos, o surgimento da vida, o destino e a morte, – que faz com que a mitologia mantenha-se perene não somente na literatura, mas em toda a vida psíquica dos seres humanos. Conforme salienta Mello,

Como o mito, a poesia é revelação. O mito é uma expressão simbólica que trata de conhecimentos essenciais ao ser humano. Refere-se à essencialidade de sua vida, seu lugar no cosmos e suas formalizações culturais. Se a palavra mítica revela ao homem o sentido de seu estar-no-mundo, os mistérios que envolvem o existir, tendo na divindade o sustentáculo do enunciado, a palavra poética provém do interior do homem e nele tem ressonância, funcionando como recurso de auto-revelação. A poesia enquanto revelação e enquanto ruptura com o olhar prosaico do homem em relação ao mundo – a exemplo do mito e do rito – realiza um hiato no tempo e no espaço profanos para dar lugar ao ‘sagrado’, ao momento especial ‘epifânico’, que enseja o encontro do homem consigo próprio. Mesmo quando o assunto do poeta se refere a um determinado acontecimento, o poema mostra como essa realidade repercute na interioridade de um ser – o sujeito poético – que exprime a condição do homem no mundo (MELLO, 2002, p. 54).

Na lírica woellneriana é perceptível que o tema da morte, evidenciado metaforicamente por meio de imagens como a do trem, dentre outras, sempre carrega uma potencialidade de recomeço, de rito de passagem. Por meio da utilização de símbolos e mitos Woellner apresenta poemas em que se instaura esse “hiato no tempo e no espaço profanos”, instaurando lugares em que o indivíduo pode realizar esse encontro consigo mesmo. Ou seja, o fazer poético, assim como as imagens e símbolos, contribuem para que o ser humano se inter-relacione de forma mais saudável com as realidades de difícil compreensão.

## **1 A imagem da morte na lírica de Adélia Maria Woellner**

De acordo com Mello, a poesia seria o gênero literário que “através da linguagem, questiona o sentido do ‘ser-aí’, jogado no mundo, à mercê dos mistérios que envolvem a vida e a morte” (2002,

p. 54). Woellner, em seus poemas, revela um olhar atento sobre esses “mistérios”. Iniciemos a discussão sobre os poemas woellnerianos observando “Dualidade”, poema em que a vida diária manifesta-se envolta em uma aura de sacralidade:

Na mesmice diária,  
o coração acende  
a eternidade.  
(WOELLNER, 2004, p. 106).

Nesse poema sintético, ocorre a revelação de que o vislumbre da eternidade não ocorre somente no momento em que o eu lírico encontra-se inserido em um espaço sagrado, antes, é na vida cotidiana que a perpetuidade é revelada. A vida humana, sempre demarcada pela dualidade, conforme observa Paz, consegue conglomerar realidades distintas, como a vida e a morte, a finitude e a eternidade. Isso se dá nesse poema, em que o sagrado e o profano são colocados em contato, por meio da sacralização da “mesmice diária”. A eternidade brota das simples vivências, que se desenrolam naquilo que, aos olhos desatentos, não parece nada mais que o banal, mas que, sob um olhar meticuloso, revela inesperadas possibilidades. Segundo Gilbert Durand, “estamos persuadidos de que a Esperança da espécie, aquilo que dinamiza o pensamento humano, é polarizada por dois pólos antagônicos em torno dos quais gravitam rotativamente as imagens, os mitos, as fantasias e os poemas dos homens” (1995, p. 105). Assim, pode-se dizer que a dualidade é uma das características dos seres humanos, que influencia, também, em sua produção cultural, apresentando-se “como uma mediação perpétua entre a Esperança dos homens e a sua condição temporal” (DURAND, 1995, p. 108). Ou seja, a produção cultural – e nela inserida o gênero lírico – contribui para que o ser humano mediatize a consciência de que é mortal e o desejo de ser perene.

Já em “Identidade” o eu lírico parece vivenciar um rito de passagem, sendo por meio do despojamento de si próprio que o eu lírico consegue reconhecer-se:

Despi-me daquela  
que era  
quase-eu.  
Tradições e modelos  
foram obedecidos.  
A vida foi óvulo,  
experiências, o sêmen,  
e o tempo, o útero gerador.  
Germino de mim mesma.  
Recebo nova identidade.  
Descubro-me.  
Inteira sou eu.  
(WOELLNER, 2004, p. 111).

Aqui a menção à morte não aparece de forma direta, mas encontra-se subentendida no rito de passagem descrito. É possível perceber, no poema, que a vida e a experiência são consideradas óvulo e sêmen que, fecundados, instalam-se no tempo, útero gerador. Ou seja, vida e experiências, inseridas no tempo, tornam-se matéria de nova identidade. O eu lírico, ao liberta-se de conceitos socialmente adquiridos que regem sua conduta, pode entregar-se a uma espécie de iniciação. De acordo com Chevalier e Gheerbrant, a morte “é revelação e introdução. Todas as iniciações atravessam uma fase de morte, antes de abrir o acesso a uma vida nova. Nesse sentido, ela tem valor psicológico: ela liberta das forças negativas e repressivas, ela desmaterializa e libera as forças de ascensão do

espírito” (2002, p. 621). O eu lírico redescobre-se e, assim, adquire uma nova identidade, marcada pela totalidade. Verifica-se que o eu lírico não se torna outro. Por meio do rito de passagem, do renascimento, liberta um outro ser que já se encontrava dentro de seu próprio âmago, apontando para a afirmativa de Paz:

o homem é temporalidade e mudança, e a ‘outridade’ constitui sua própria maneira de ser. O homem se realiza ou se completa quando se torna outro. Ao se tornar outro, se recupera, reconquista seu ser original, anterior à queda ou ao despencar no mundo, anterior à cisão em eu e ‘outro’ (PAZ, 1982, p. 219).

É o que pode ser observado no poema, uma vez que, germinando de si próprio, o eu lírico descobre sua totalidade.

A imagem do trem<sup>1</sup>, valorizada em “Recomeço”, aponta de uma forma mais direta para a relação existente entre morte e renascimento:

Ceguei  
à estação da vida  
e embarquei  
no trem que era o meu.

Vivi encontros e despedidas,  
alegrias e sofrimentos.  
Penetrei em cada espaço  
e saboreei todos os momentos.

Agora, na última parada,  
Constato que tudo se resume  
no eterno  
recomeçar.  
(WOELLNER, 2004, p. 29).

Em “Recomeço” o nascimento é apresentado como uma viagem de trem que se inicia. Tal viagem foi aproveitada ao máximo pelo eu lírico, que afirma ter penetrado “em cada espaço” e saboreado “cada momento”, preparando-o para, ao final de sua viagem, descobrir que “tudo se resume/ no eterno/ recomeçar”. Uma das interpretações possíveis relaciona esses três versos a uma visão de tempo que remete ao mito do eterno retorno, isto é, indica uma concepção de tempo infinito, marcado por constantes mortes e recomeços. Seja de acordo com a crença judaico-cristã, que não admite a existência da reencarnação, ou em consonância com outras convicções religiosas, que pregam que cada indivíduo passa pela experiência de inúmeras vidas terrenas, a morte nunca se apresenta como o final absoluto, antes, é vista como uma das portas de acesso a uma nova forma de vida. O eu lírico, ao chegar ao final de sua viagem, isto é, ao deparar-se com a morte, descobre isso: que o final da viagem indica uma nova viagem prestes a se iniciar.

A morte, conforme observa Octávio Paz, é algo inseparável do homem. O ser humano já nasce contaminado com o germe da morte e o nascer nada mais indica do que o ingresso em uma existência que só tem a morte para oferecer. Conforme salienta Paz,

---

<sup>1</sup> A imagem do trem é recorrente nos poemas de Woellner, remete aos vínculos existentes entre sua vida profissional e sua obra artística, uma vez que a poeta trabalhou durante 30 anos – de 1960 a 1990 – na RFFSA (Rede Ferroviária Federal), antiga Estrada de Ferro Central do Brasil.

a morte é inseparável de nós. Não está fora: a morte é nós. Viver é morrer. [...] o viver consiste em termos sido jogados para o morrer, mas esse morrer só se cumpre no e pelo viver. Se o nascer envolve o morrer, também o morrer envolve o nascer; se o nascer está banhado de negatividade, o morrer adquire uma tonalidade positiva porque é determinado pelo nascer. [...] Vida e morte, ser ou nada, não constituem substâncias separadas. Negação e afirmação, falta e plenitude coexistem em nós. São nós (PAZ, 1982, p. 182).

E, nesta relação angustiante do homem com a certeza de que a morte se aproxima a cada dia um pouco mais, surge a poesia que, na visão de Paz, “não se propõe a consolar o homem da morte, mas a fazer com que ele vislumbre que a vida e a morte são inseparáveis: são a totalidade. Recuperar a vida concreta significa reunir a parêntese vida-morte, reconquistar um no outro, o tu no eu” (1982, p. 329), salientando que “reduzir toda existência ao modelo humano e terrestre revela certa falta de imaginação ante as possibilidades do ser. Deve haver outras formas de ser e talvez morrer seja apenas uma passagem” (1982, p. 329). Assim, a forma como a vida e a morte são apresentadas no poema demonstram o crédito na existência de um tempo cíclico que, – longe deste tempo profano das culturas que vêem no calendário um divisor de dias e épocas, – acena para a eternidade, para a perenidade da vida humana.

Durand, ao se referir à imaginação, observa que

a função da imaginação é, acima de tudo, uma função de ‘eufemização’, mas não simplesmente ópio negativo, máscara que a consciência ergue diante da hedionda figura da morte, mas pelo contrário, dinamismo prospectivo que através de todas as estruturas do projecto imaginário, tenta melhorar a situação do homem no mundo (DURAND, 1995, p. 99).

A eufemização da morte e a crença em um eterno recomeçar, seriam, na visão de Durand, uma forma de destruí-la.

Também “Cantar” demonstra que, na lírica de Woellner, a vida é um constante recomeçar, um reencontrar-se contínuo:

Canto  
a manhã que se esvai,  
a tarde que se apaga,  
a noite que desfalece.

Não há despedidas...  
apenas reencontros.  
(WOELLNER, 2004, p. 97).

A primeira estrofe do poema é demarcada por uma sucessão temporal, dividida em manhã, tarde e noite e que, metaforicamente, pode ser relacionada à infância, à vida adulta e à velhice. A manhã, assim como a infância, é o período que se esvai, isto é, que se desvanece rapidamente. A tarde é o momento em que se inicia o apagamento, ou seja, é o momento em que o declínio da vida se acentua de forma mais visível. A noite, por sua vez, é a época da total prostração, do enfraquecimento e do desfalecimento, relacionando-se, assim, ao fim da vida humana.

Apesar da certeza da morte, cada fase é contemplada com felicidade pelo eu lírico. Tal alegria revela-se por meio da imagem do canto, que, simbolicamente, representaria a “palavra que une a potência criadora à sua criação, no momento em que esta última reconhece sua dependência de criatura, exprimindo-a na alegria, na adoração ou na imploração. É o sopro da criatura a responder ao sopro do criador” (CHEVALIER & GHEERBRANT, 2002, p. 176). Essa atitude de reverência e alegria pode ser compreendida na segunda estrofe do poema, em que, novamente, a visão que impera é a da existência de um tempo cíclico em que, apesar da convicção da morte iminente, propicia ao eu lírico o alento de um recomeço, de um reencontro.

## **Conclusão**

A poesia de Adélia Maria Woellner, além de revelar a complexa dualidade humana, apresenta, constantemente, indagações relacionadas à essência do homem, dando mostras da busca insistente do ser humano em se autoconhecer. No dizer de Rosana Rodrigues da Silva, “a poesia, enquanto fenômeno do imaginário, deve ser compreendida, em seu dinamismo, como uma linguagem reveladora, expressão de um mundo psíquico, na contemplação de outro universo” (1997, p. 14). Esta “contemplação de outro universo” encontra-se claramente na obra Woellneriana, quer seja por meio da busca de um plano que transcenda os limites humanos, quer pela observação de simples imagens cotidianas. Desde as cenas mais triviais até as mais incomuns, há sempre descobertas que demonstram a presença de uma acurada sensibilidade poética, que indica um desejo de transformação das realidades inaceitáveis.

Para Durand, “a virtude essencial do símbolo é assegurar no seio do mistério pessoal a própria presença da transcendência” (1995, p. 30). É o que se verifica nos poemas de Woellner, cujas imagens e símbolos, geralmente, confluem para a instauração de um espaço de transcendência. O olhar lançado sobre a morte revela, na lírica woellneriana, a idéia de que a vida nada mais é que um processo marcado, por um lado, pela finitude, mas por outro, pela perenidade, revelada pelo tempo cíclico, pelo recomeçar.

## **Referências Bibliográficas**

- [1] CHEVALIER, Jean & GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. Trad. Vera da Costa e Silva et. al. 17. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.
- [2] DURAND, Gilbert. *A imaginação simbólica*. Trad. Carlos Aboim de Brito. Lisboa: Edições 70, 1995.
- [3] MELLO, Ana Maria Lisboa de. *Poesia e imaginário*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.
- [4] PAZ, Octavio. *O arco e a lira*. Trad. Olga Savary. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- [5] SILVA, Rosana Rodrigues da. *A contemplação em “Viagem”*: o estudo do olhar na poesia de Cecília Meireles. 1997. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) – Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1997.
- [6] WOELLNER, Adélia Maria. *Sons do silêncio*. Curitiba: Torre de Papel, 2004.

---

**Autor(es)**

<sup>1</sup> **Clarice Braatz Schmidt NEUKIRCHEN, Prof<sup>a</sup> Ms.**

Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)

Centro de Ciências Humanas, Educação e Letras – Campus de Marechal Cândido Rondon-PR

E-mail: clarischmidt@yahoo.com.br